

QUANDO A INTERNACIONALIZAÇÃO ASSUME UMA EXPRESSÃO CULTURAL DO LUGAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE A 3ª BIENAL DE ARQUITETURA

■ PASQUALINO ROMANO MAGNAVITA

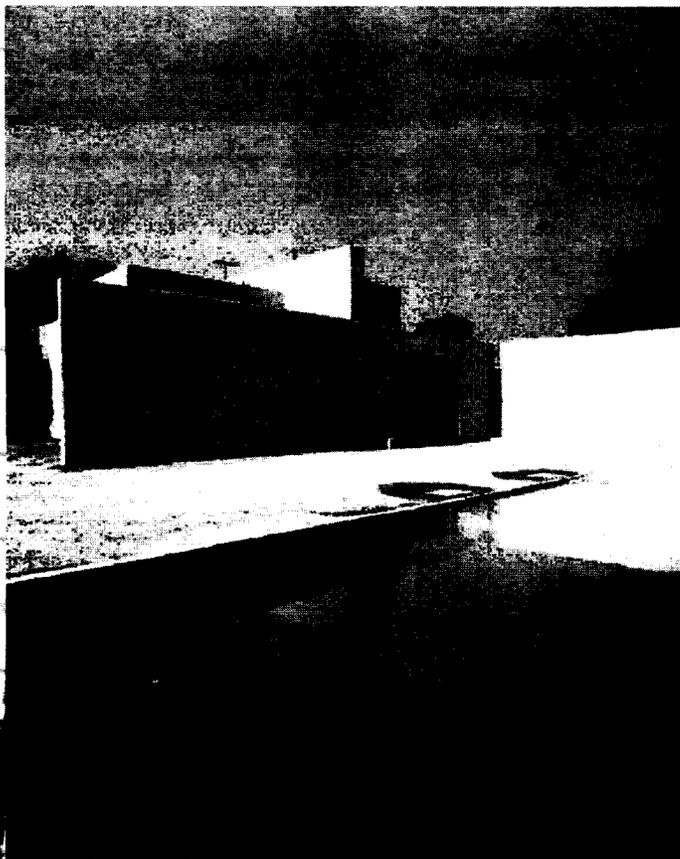
Com o intervalo de uma quadrienal, foi realizada a 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Apagando da memória o insucesso registrado na última edição de 93, a 3ª BIA renasceu com bastante vigor, convertendo-se em um dos

acontecimentos mais importantes da programação cultural nacional em 1997. A Fundação Bienal de São Paulo – FBSP, em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil, foi a responsável maior pela realização do evento, um empreendimento voltado, em princípio, para uma ampla reflexão e avaliação do panorama da produção de arquitetura e urbanismo tanto em nível nacional quanto internacional.

O presente texto visa tecer algumas considerações sobre o evento, objetivando informar um público de profissionais e estudantes de arquitetura que não teve a oportunidade de visitar a exposição e, menos ainda, de consultar o seu volumoso catálogo, ao tempo em que levanta algumas questões pertinentes para uma subsequente reflexão.

Numa sociedade consumidora como a nossa, a afluência de mais de cinquenta mil visitantes – em apenas três semanas de exposição – deve ser entendida como uma demonstração de que nossa sociedade começa a desenvolver a capacidade de também consumir arquitetura como qualquer outro produto tido como essencial à sua sobrevivência material e cultural.

Sob a curadoria dos arquitetos Lúcio Gomes Machado e Luiz Fisberg e projeto para montagem das instalações do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, a organização do espaço disponível do pavilhão resultou equilibrada na disposição das salas,



Luiz Barragan. Club San Cristobal

■ Arquiteto doutor, professor do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFBA

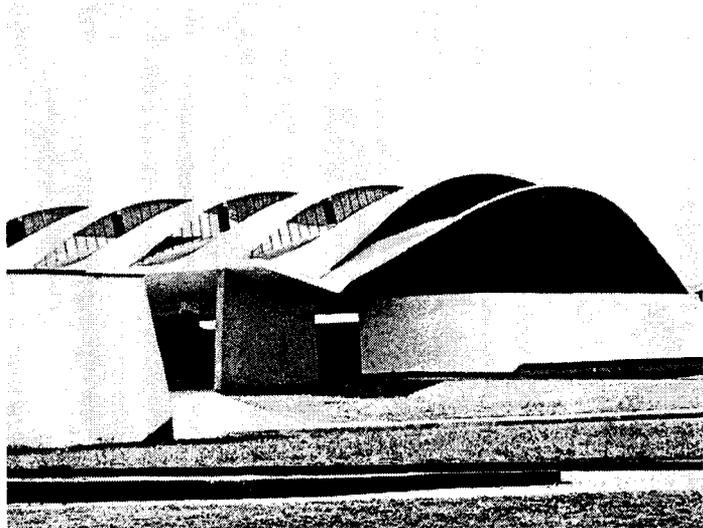
proporcionando aos visitantes um percurso fluente e convidativo. A criação de uma equipe de monitores preparados para acompanhar grupos de visitantes foi uma iniciativa que contribuiu bastante para um público menos informado assimilar as mensagens ali expostas.

Em evento dessa natureza, as salas especiais constituem os espaços privilegiados de consagração de importantes figuras, escolas, tendências, acontecimentos e prospecções para o futuro. A 3ª BIA apresentou um conjunto significativo de salas especiais para surpresa do visitante, e isso em decorrência da diversidade temática das subáreas de atuação profissional, da importância das personalidades escolhidas e das cuidadosas e competentes montagens.

De um total de 35 salas especiais, apenas 14 provieram do exterior. As 21 salas restantes relacionavam-se com personalidades e temas de nossa cultura arquitetônica e urbanística. Portanto uma predominância nacional. Dessas 21 salas, 14 abrigavam exposições de arquitetos e temas relacionados com a cultura e realidade paulistas. Em princípio, tais números podem ser interpretados como um excesso de valorização da produção local em um evento de caráter internacional. Como veremos em seguida na Exposição Geral de Arquitetos, essa tendência de absoluta predominância da produção local demonstrará, de fato, ser excessiva.

Evitando citar apenas a denominação das salas especiais, tentaremos, sucintamente, evidenciar as palavras-chaves de seus conteúdos. Em nível nacional, a sala **Victor Dubugras** apresentou projetos do arquiteto relacionados com a postura regionalista do protomodernismo, enquanto aquela de **Oswaldo Bratke** evidenciou-se pela simplicidade modernista de seus projetos. A sala **Richard Barry Parker**, promotor da *garden city* paulista, mostrou alguns dos seus projetos residenciais, procurando harmonizar o legado da tradição e as exigências culturais de seu tempo.

Ainda em nível nacional, a sala **Vilanova Artigas**, evitando ser uma mostra convencional, evidenciou, através de algumas de suas vigorosas obras, a temporalidade do fazer arquitetura na atemporalidade e também suas preocupações relacionadas com o ensino da arquitetura. A sala **Rino Levi** expôs um expressivo conjunto de desenhos de seu escritório, realizados entre 1933 e 1962, os quais acompanham o processo de modernização de São Paulo e registrou a ruptura com as práticas usuais da profissão de arquiteto e da construção. Por sua vez, a sala **Lina Bo Bardi** centrou-se no MASP (Museu de Arte de São Paulo) – “uma idéia forte e moderna”, que se transformou no “mais vigoroso marco arquitetônico de São Paulo”. A sala, mais do que uma louvação à consagrada arquiteta, teve a intenção de alertar o público sobre a des-



Eladio Dieste. Pavilhão de Produtores. Mercado de Porto Alegre-RS (1972)

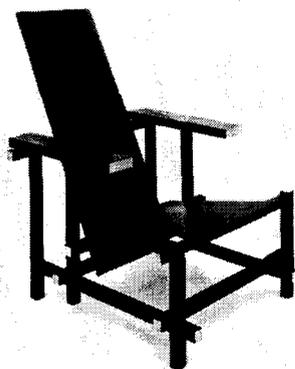
caracterização arquitetônica do museu, hoje suporte de inescrupulosas intervenções de explícito apelo comercial, colocando em prática, entre nós, o que há três décadas Robert Venturi já alertava: o anúncio é mais importante do que a arquitetura.

As salas especiais dedicadas a profissionais estrangeiros de arquitetura, *design* e urbanismo incluem nomes da maior importância para a história dessas áreas de conhecimento, a exemplo das salas **Gerrit Rietveld**, **Arne Jacobsen**, **Eládio Dieste**, **Ildefons Cerdá**, **Luiz Barragán** e **Jo Coenen**. Esse panorama de notáveis esteve reforçado com uma retrospectiva daqueles que receberam o prêmio Pritzker, desde sua instituição em 1974 até 1994, iniciando por Philip Johnson e, seqüencialmente, por Luis Barragán, James Stirling, Kevin Roche, L. M. Pei, Richard Meier, Hans Hollein, Gottfried Boehm, Kenzo Tange, Oscar Niemeyer e Gordon Bunshaf, Frank O. Gehry, Aldo Rossi, Robert Venturi, Fumiko Maki e Christian de Portzamparc. Os três últimos premiados – Tadao Ando (97), Rafael Moneo (96) e Sverre Fehn (97) – não foram incluídos nessa exposição itinerante, que circula por diversos países desde 1994. Vale observar que, dos grandes nomes da arquitetura mundial, apenas o nosso Niemeyer dividiu o prêmio com o americano Gordon Bunshaf.

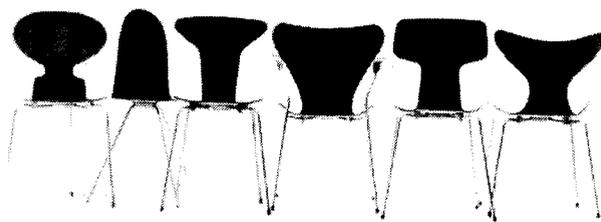
A sala **Gerrit Rietveld** (1888-1964) reúne um dos mais valiosos conjuntos de móveis do período modernista. Para Rietveld, o móvel, “*sem massa nem volume, traspassado pelo espaço circulante*”, além de criativo como modelo, deveria atender à exigência de sua reprodução industrial. Entre as muitas peças expostas e projetos, a cadeira Red Blue e o projeto de sua própria casa constituem a materialização das idéias contidas no manifesto do De Stijl.



Eládio Dieste - Coop. Agrícola de Young Ltda. Rio Negro Uruguai (1978)



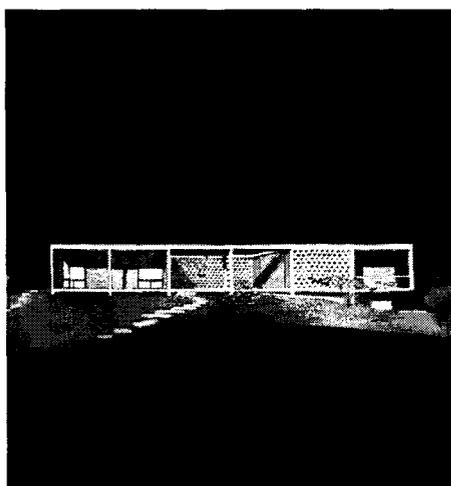
Cadeira Red Blue (1932/33)



Sucessoras da "Formiga"(1952-68) - Arne Jacobsen



Arte Cidade - A Cidade e suas Histórias . Antiga Fábrica Matarazzo



Oswaldo Bratke. Residência do Arquiteto (1950)



João Vilanova Artigas. Casa Rio Branco. Paranhos (1953)

A sala **Arne Jacobsen**, igualmente, é uma das mais autênticas manifestações de arquitetura e do *design* do Movimento Moderno, ambos convivendo intimamente em sua obra. A Casa do Futuro (1929) expressa essa intenção de incorporar e coordenar todas as instâncias do projeto, da escala micro – maçanetas, luminárias, metais para banheiro, etc. – à concepção e execução da edificação propriamente dita. A exibição de suas numerosas e famosas cadeiras (formiga, cisne e ovo), através de criativa e qualificada montagem, constitui um dos espaços mais sedutores da 3ª BIA. Vale lembrar que, em 1952, na então Seção de Arquitetura da 2ª Bienal de Artes Plásticas, Jacobsen recebeu o grande prêmio de arquitetura por seu projeto Massey-Harris.

A inclusão da exposição itinerante **Ildefonso Cerdá**, pai da "Teoria Geral da Urbanização" (1863), visou divulgar a

originalidade e a pertinência de suas idéias contidas no plano de expansão de Barcelona, idéias essas que, embora revelassem preocupações de ordem higiênica, moral, econômica, política e jurídica, não menosprezaram os aspectos sociais e estéticos.

A sala do engenheiro uruguaio **Eládio Dieste** (1917) é, sem dúvida, aquela que mais diretamente toca a sensibilidade de profissionais e estudantes de arquitetura de um país emergente como o nosso, no qual a realidade *high-tech* está ainda bastante distante do alcance da grande maioria dos profissionais de arquitetura. Sua obra relaciona-se com a tecnologia da cerâmica armada – "*técnica que recupera e desenvolve a tradição construtiva do tijolo e a associa aos sistemas modernos de formas e armaduras usadas para o concreto*". Tal técnica, aplicada a diferentes tipos de

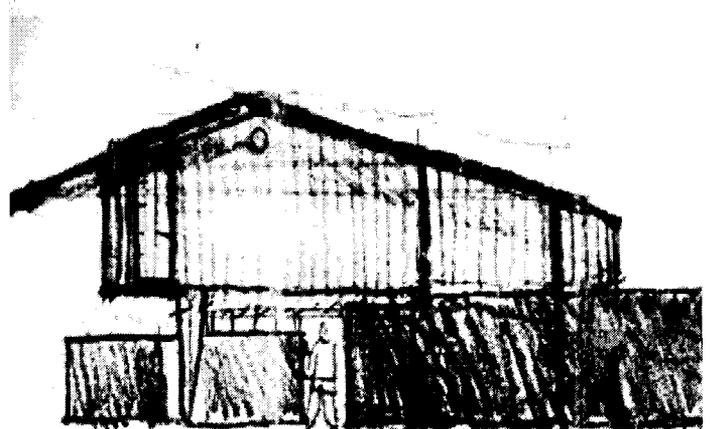
edificações (armazéns, oficinas, mercados, igrejas, reservatórios, etc.), consegue alcançar resultados especiais de inusitada expressividade. Afetivamente, foi gratificante visitar essa sala pelo fato de que, em 1976, uma vez seduzidos por essa técnica, elaboramos o projeto do Centro de Educação Tecnológica da Bahia, aplicando o sistema de abóbadas cerâmicas cilíndricas. Lamentavelmente, no Brasil, essa tecnologia vem sendo pouco utilizada, apesar de suas qualidades estéticas e vantagens econômicas.

A sala do mexicano **Luiz Barragán** (1902-1988), cuja obra mereceu a epígrafe “arquitetura do silêncio”, incorpora elementos da tradição cultural mexicana e de sua arquitetura popular, bem como uma certa dose de misticismo. Expressa a reconciliação do homem com a natureza, evidenciando espaços murados longe da vida urbana e de sua turbulência, geometricamente contidos, ascéticos, nos quais a cor transmite uma conotação emotiva, vital, de alegria e encantamento.

A sala do holandês **Jo Coenen** (1949), que se tem destacado no cenário internacional, teve a intenção de ser uma amostragem contemporânea da produção de arquitetura e urbanismo. Essa sala contou em sua organização com o apoio da revista *Oculum* e da FBSP, responsáveis pela vinda do arquiteto ao Brasil. O Masterplan Ceramique Maastricht é o projeto de um bairro novo no centro da cidade histórica, visando a sua revitalização. Ele conta com a contribuição de importantes arquitetos: Aldo Rossi, Mário Botta, Alvaro Siza.

Representou ainda a Holanda a sala **Jovens Escritórios de Arquitetura Holandesa 9+1**. Consiste numa seleção processada pelo NAI – Instituto Holandês de Arquitetura, mostrando projetos de diferentes tipologias, desde propostas de desenvolvimento urbano e edificações residenciais, aquelas de cunho visionário, questionando a profissão do arquiteto e a própria arquitetura.

A representação alemã, com a sala **Visões de uma Metrópole – Desenho Urbano em Berlim**, expôs propostas e idéias de desenho urbano que pretendem transformar Berlim em um metrópole para o futuro. O objetivo foi mostrar que, na cidade histórica de Berlim, está nascendo uma cidade nova, uma cidade transformada, como um todo, num canteiro para abrigar sedes de companhias multinacionais, hotéis, moradias, complexos de lazer, *shoppings*, teatros musicais, cinemas, cassinos, museus e muito mais equipamentos urbanos. Desta forma, Berlim se tornou um palco experimental do que se convencionou chamar de “reconstrução crítica”. Conceitos tais como mobilidade (fluxos), densidade, sensibilidade e identidade tornaram-se parâmetro das intervenções que estão sendo



João Vilanova Artigas. Garagem de Barcos
Santa Paula (1961)



Paulo Bruna - Atica Shopping Cultural (1997)



Carlos Bratke. Edifício Residencial (1996)

propostas. Contíguo a essa sala encontra-se exposto o projeto Bairro Amarelo em Berlim, vencedor do concurso internacional idealizado pela equipe brasileira coordenada pelo arquiteto Marcelo Ferraz.



Marcos Acayaba (Casa do Arquiteto)

Duas salas especiais marcam a presença da França. A primeira, **Uma Trilogia parisiense: embelezamento, planejamento e expansão**, traça uma retrospectiva de propostas de intervenção para Paris do início do século até os anos 60, como aquelas de Auguste Perret, Henri Sauvage, Charles Moore e Jean Bossu, entre outros. A segunda sala, **Paris – a cidade e seus projetos**, abriga uma exposição itinerante circulando na França e no mundo desde 1989, visando divulgar o que se estava fazendo e aquilo que se pretendia fazer no campo da arquitetura e do urbanismo pela administração pública, incluindo o Fórum Les Halles, a Cidade da Música, o Louvre, a Biblioteca Nacional, La Défense, La Villette, entre muitos outros projetos.

A representação norte-americana, com a sala **Nova Arquitetura de Chicago – A cidade da arquitetura moderna**, visou reafirmar a continuidade do desempenho da cidade em relação ao movimento da arquitetura moderna. Abrigando um acervo importante, Chicago é virtualmente um livro aberto sobre a história da arquitetura desse século e, nesse final de milênio, exibe um conjunto de projetos, com ênfase nos edifícios-torre a serem construídos nela e em outras cidades do mundo.

Os ingleses marcaram presença com a sala **Uma Exposição de Arquitetura Britânica – Novos Trabalhos, Visões do Futuro**. Trata-se de um conjunto

de recentes projetos de elevado nível criativo e tecnológico que resultou de uma seleção de trabalhos em que 18 escritórios de arquitetura inglesa foram escolhidos por um júri internacional. Merece especial destaque a ponte levadiça em Tyneside (norte da Inglaterra) de Chris Wilkinson, apresentada em maquete com movimento. Uma idéia paradigmática de engenharia e arquitetura em relação ao conceito ponte levadiça.

A moderna representação japonesa, **Panorama do Desenho Urbano no Japão**, aposta na mudança dos tempos e na crença muito difundida de que *“a riqueza autêntica não será alcançada pela industrialização por si só, também a crença de que o respeito mútuo e a criatividade têm importância para a realização de uma sociedade verdadeiramente rica”*. A exposição foi realizada pelo Instituto Japonês de Projetos Urbanos (Japan Urban Design Institute – JUDI), uma organização sem fins lucrativos que congrega profissionais e pesquisadores que partilham o mesmo interesse em melhorar os projetos urbanos. O *Guia de Projetos Urbanos* que o instituto pretende editar visa contribuir para um ambiente confortável para a vida e estimular a interação entre os membros da sociedade.

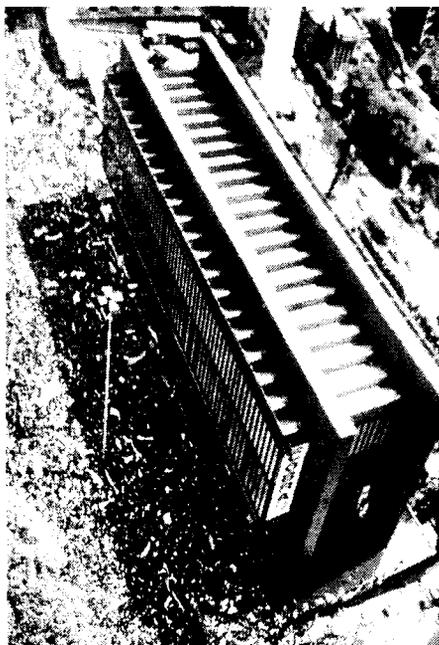
Ao lado dessas salas especiais de arquitetos nacionais e delegações estrangeiras, outro conjunto de salas temáticas enriquecem o panorama da 3ª BIA, merecendo destaque

aquela dedicada à **Acessibilidade ao Meio Físico – a busca de uma adequada integração**. Acreditamos ter sido essa sala uma das mais visitadas da Bienal. Nela, os visitantes puderam tomar conhecimento das dificuldades e soluções disponíveis para que pessoas com mobilidade reduzida tenham acesso ao meio físico do cotidiano. Soluções ainda pouco divulgadas em nosso meio proporcionam condições de segurança e autonomia aos portadores de deficiência física.

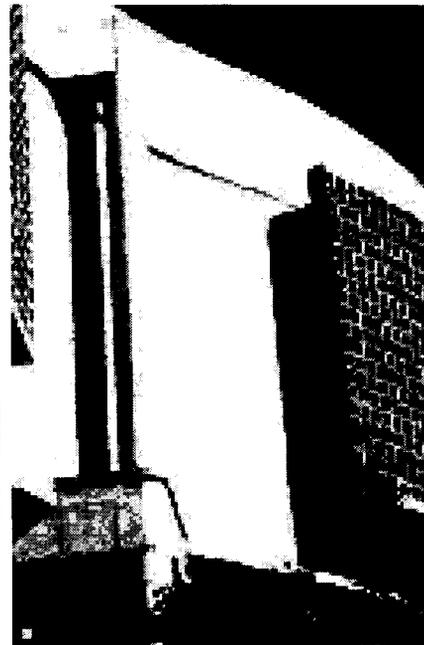
As instalações da sala **Construir com Terra – Técnicas e Trabalhos com Terra Crua**, realizada pela Associação Brasileira dos Construtores com Terra – ABC Terra, objetivou divulgar e incentivar o uso da terra crua e caracterizar os aspectos culturais da arquitetura com terra e, também, enfatizar o processo participativo, a pluralidade e a diversidade culturais e, principalmente, a formação de uma consciência crítica em relação ao ambiente construído.

A sala **Habitação Social e Arquitetura Moderna no Brasil (1930-64)**, resultante de uma pesquisa financiada pela Fapesp, relaciona, historicamente, a habitação de interesse social e econômico e a arquitetura moderna no Brasil a partir da década de 30, através de quatro temas: a Produção dos IAPs e a Fundação da Casa Popular; Assentamentos Modernos no Brasil – Habitação Econômica; Promoção Privada da Habitação Econômica; a Construção Civil Habitacional. A documentação resultante dessa pesquisa atesta que, desde os anos 30, existia no país um conjunto significativo de profissionais brasileiros informados das realizações internacionais na área e preparados para projetar e construir grandes conjuntos habitacionais.

A envolvente instalação da sala **Visões da Paisagem – Radiografia do Paisagismo Brasileiro** teve como objetivo registrar e discutir a produção paisagística do país nas últimas três décadas. Promovida pela Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas – ABAP, à guisa de um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil, ela reúne um conjunto selecionado de trabalhos visando provocar a reflexão sobre o tema caminhos e inquietações do paisagismo. E, isso, na expectativa de melhor instrumentalizar o profissional através da formação específica, da implantação de programas de pós-graduação na área e, além disso, de minimizar os atritos provenientes de atribuições profissionais, sobretudo entre arquitetos e agrônomos.



Linda Bo Bardi - MASP/SP
Passeata na Paulista

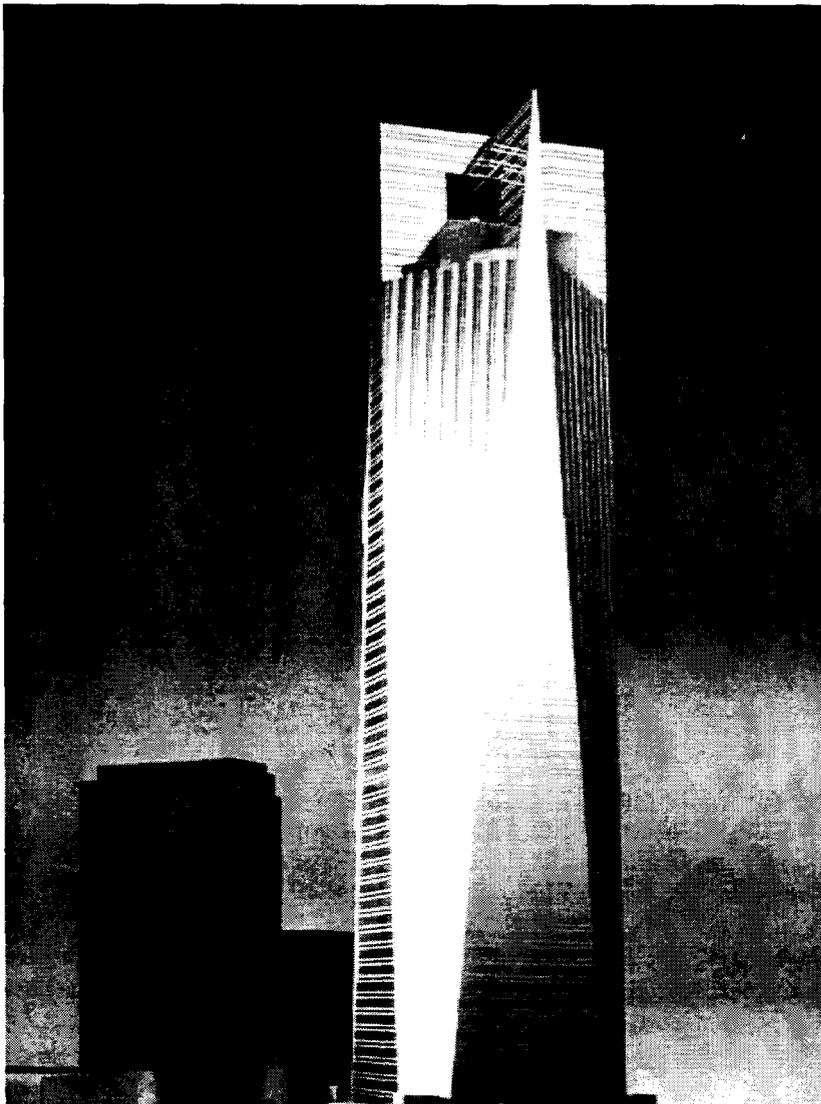


Escola Mobile, 1993/34 (Paulo Sophia)

Os trabalhos expostos foram agrupados nos seguintes módulos: **paisagem da memória** (preservação de espaços públicos e de valor histórico); **paisagem de intimidade** (espaços residenciais); **paisagem do lazer**; **paisagem reconstruída** (intervenções em microescola); **paisagem das idéias** (reflexões teóricas); **paisagem de cidade** (recuperação e qualificação do ambiente urbano); **paisagem da diversidade** (ampliação e diversificação das atribuições profissionais relacionadas com tipologia e escalas de intervenção).

A sala **Arte/Cidade III**, um projeto de intervenção urbana, contou com participação bastante numerosa de artistas plásticos e arquitetos. A intervenção registrou-se ao longo do ramal ferroviário que liga o Centro à Zona Oeste da Cidade de São Paulo, trecho de 5 km de extensão, partindo da Estação da Luz para as ruínas do antigo Moinho Central e aquelas das indústrias Matarazzo. As obras foram criadas para espaços específicos, exigindo a experiência da situação, a presença do fruidor no local da intervenção. Daí as visitas organizadas para suprir a limitada apreensão pelo público na Bienal, funcionando esta sala à guisa de um mapa auxiliado por fotos, filmes e textos, sugerindo a inevitável presença do visitante no local para fruir as intrigantes mensagens artísticas ali concebidas.

Bastante atraente para o público em geral foi a sala **Crescimento da Metrópole Paulista vista através de Cartões Postais**. Trata-se de um valioso acervo de postais fotográficos sobre as transformações urbanas ocorridas na



Skidmore, Owings & Menil Lopez Center (Rockwell - Manilha)

capital paulista. Tão rápidas foram essas transformações no tempo que pode-se apagar no espaço de uma vida humana o ambiente construído por muitas gerações.

Duas outras salas enfatizaram procedimentos voltados para fins educacionais na apreensão e organização do espaço. A primeira – **O Desenho da Cidade** –, um aprendizado do desenho; a segunda – **Modelos Tridimensionais** –, quatro experiências de ensino. A primeira exibiu uma experiência didática da FAU/Santos, objetivando o desenvolvimento de um olhar diferenciado: o olhar arquitetônico na investigação da paisagem santista e de seus espaços mais variados. E isso através do desenho de observação como instrumento de pesquisa, no sentido da representação e do uso de diferentes técnicas. Tal experiência visou também facilitar a desinibição gráfica dos

alunos e favoreceu atividades coletivas tanto na produção da imagem da cidade através do trabalho em equipe, quanto da discussão e avaliação dos trabalhos individuais. A segunda sala expôs quatro experiências distintas de ensino através de trabalhos realizados pela FAU-UnB e FAU-USP. Trabalhos didáticos utilizando modelos tridimensionais objetivavam contribuir para a discussão sobre o ensino profissional de arquitetura e também sobre aquele do 1º e 2º graus. Ressaltava-se a importância da maquete como instrumentalização indispensável à apreensão do espaço físico, auxiliando o processo criativo do projeto arquitetônico.

A sala **São Paulo Centro**, da Associação Viva o Centro, expôs estudo que incorporou de forma crítica um conjunto de intervenções já realizadas pelo poder público e outras em andamento, além de reflexões produzidas por diferentes grupos profissionais e pesquisadores visando à “*reconquista do Centro de São Paulo*”.

A sala **Fluxo Urbano: o enigma contemporâneo** procurou explicitar o quanto a arquitetura tende a ser pensada como articulação, espacialização e não mais como objeto isolado, dado que um dos principais problemas da metrópole contemporânea encontra-se concentrado na questão dos fluxos. A cidade precisa fluir e ser apreendida. A idéia de fluir a pé constitui uma proposta de intervenção infra-estrutural no âmbito da cidade. Partindo dessas idéias, foram apresentadas duas propostas de intervenção: uma na Avenida Paulista e outra no Parque Dom Pedro II, as quais devem ser entendidas como proposições/amostragens emblemáticas de uma situação.

PROJAC – Espaços cênicos marcou a presença da Rede Globo de Televisão na Bienal. Utilizando recursos técnicos da melhor qualidade, a exposição procurou apresentar e informar o visitante sobre o complexo Centro de Produção de Televisão – CPTV e os diversos setores que o compõem: o industrial, o de gravações, o de produção e aquele cenográfico, este último, particularmente, mais diretamente relacionado com a formação do arquiteto. Houve a explícita intenção de mostrar a presença permanente do arquiteto no canteiro de obras do referido complexo, bem como na criação de espaços, cenários e ambientes televisivos.

Finalmente, três salas institucionais completaram o conjunto de salas especiais da Bienal, todas elas tendo como

denominador comum o marketing político de seus promotores. A primeira, **Arquitetura em São Paulo: o processo e o desafio civilizador**, do Governo do Estado de São Paulo, objetivando divulgar realizações e projetos da atual gestão. A segunda, **A Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo**, uma promoção do atual governo municipal, mostrando as intervenções programadas para um horizonte que vai até o ano 2001, visualizados numa maquete de 42 m² à guisa de um Plano Diretor. A terceira sala, **Curitiba – Paraná: as grandes transformações**, promoção do Governo do Estado do Paraná e da Prefeitura de Curitiba, exibiu um conjunto de projetos e intervenções que ocorreram e estão ocorrendo no estado e na capital.

Extenso e marcante o espaço destinado à **Exposição Geral de Arquitetos**. Nele foram expostos 550 projetos de 434 arquitetos. Nessa exposição, não mais de 10% dos trabalhos eram de arquitetos estrangeiros. Os outros 90% eram de arquitetos brasileiros ou radicados no Brasil. Dessa expressiva maioria, 70% dos trabalhos eram de São Paulo; 80% destes, da capital. Dos 550 projetos em exposição, 484 eram de arquitetos residentes no Estado de São Paulo, com a esmagadora participação de arquitetos da capital. Ou seja, tratando-se de uma Bienal Internacional, esses números desapontaram a expectativa do visitante que esperava encontrar uma maior participação de trabalhos de arquitetos estrangeiros e uma presença maior da produção de arquitetos de outras regiões do país. Dois terços dos estados brasileiros encontravam-se ausentes da exposição. Vale ressaltar ainda que, dos 550 projetos, 202 referiam-se à habitação unifamiliar, e 95% dessa produção são projetos e/ou obras construídas em São Paulo.

Tal constatação talvez justifique o título dado ao presente texto. Se houve uma relativa internacionalização no tocante às salas especiais, o mesmo não se poderia dizer da **Exposição Geral de Arquitetos**, a qual acabou por apresentar uma produção prevalecentemente local, paulista. Não entrando no mérito da **Exposição** e considerando apenas a desproporcionalidade registrada entre a participação estrangeira, nacional e paulista, pode-se sugerir uma reflexão mais consequente em relação à preparação da próxima bienal, retirando-lhe, na medida do possível, a excessiva presença da produção local no sentido de estabelecer um certo equilíbrio entre essa produção, a dos demais estados da União e, principalmente, a participação estrangeira, em decorrência do caráter internacional que o evento pressupõe.

Quanto à premiação dos trabalhos expostos não houve polêmica nem contestação. Tudo indica que houve consenso. Entretanto vale registrar que, com pouquíssimas exceções, a grande maioria de arquitetos de renome nacional não participou da competição. O grande Prêmio da 3ª Bienal

coube aos projetos **Ática Shopping Cultural**, São Paulo, de Paulo Bruna e Roberto Cerqueira César; **Residência Acayaba**, Guarujá–SP, de Marcos Acayaba e ao **Edifício Residencial Equinos**, São Paulo, de Carlos Bratke. Dezessete prêmios Ex-AEQUO em diversas categorias de projetos foram concedidos.

O espaço destinado ao **Concurso Internacional de Escola de Arquitetura** constitui nas bienais um sensível instrumento de aferição de tendências em voga e, principalmente, uma demonstração de potencialidade criativa em estado latente. Nem sempre, contudo, tanta energia disponível acaba sendo canalizada para resultados mais objetivos. Licenças poéticas e visionárias acabam por prevalecer. De regra, os trabalhos extrapolam parâmetros convencionais de apresentação gráfica e nem sempre são de fácil leitura e compreensão das mensagens que subscrevem. Não mais que meia dúzia de escolas de arquitetura de países estrangeiros. A grande maioria era de escolas nacionais, e, dessas, a absoluta dominância era de escolas paulistas, reafirmando, assim, a hegemonia local numa manifestação competitiva internacional. A não-inclusão da relação das Escolas de Arquitetura participantes do **Concurso Internacional** no Catálogo da 3ª BIA, privando-as de um registro documental, deve ser evitada no próximo evento.

Contígua ao espaço do concurso das escolas, a exposição **Cem anos do projeto de um novo arrabalde – 1896/1996**, um exaustivo estudo histórico do desenvolvimento urbano da cidade de Vitória–ES, foi promovida pelo departamento de Arquitetura da UFES.

À guisa de conclusão, as considerações que seguem poderão funcionar como subsídio para eventuais reflexões e discussões sobre o evento.

– A primeira refere-se à periodicidade do evento. O intervalo de dois anos tem-se mostrado adequado para bienais de artes plásticas. Seria esse tempo a duração mais adequada para expor, em nível internacional, a produção da arquitetura? Mesmo levando em consideração a velocidade do tempo e dos modos de vida e sua extrema agilização, a realização de obras de arquitetura e/ou intervenções urbanas exigem bem mais tempo que uma escultura, pintura, instalação ou performance. Milão faz sua trienal, a Bienal de Buenos Aires foi adiada, a nossa teve sabor de quadrienal. Evidentemente, não há consenso a este respeito. Aos organizadores da próxima bienal a palavra.

– Mesmo conservando o acertado critério de não-seleção dos trabalhos, alguma diferenciação e/ou exigência deveria existir entre obra construída e apenas projeto. Lembramos que na antiga seção de arquitetura das bienais internacionais de artes plásticas de São Paulo eram expostas



Terminal do Aeroporto Internacional de Waterloo (Nicholas Grimshaw)

apenas obras concluídas, então submetidas à seleção. Não se aceitavam projetos.

– Entendemos que projetos devem ser expostos. Entretanto, visando qualificar a Exposição Geral de Arquitetos, o edital de convocação deveria conter alguma exigência, no sentido de inibir os autores de projetos sem qualidade. Os projetos a serem expostos, por exemplo, deveriam resultar de pesquisas em que fossem evidentes contribuições teóricas e/ou soluções inovadoras, evitando que fossem apresentadas mesmices de práticas profissionais, como ocorreu na 3ª BIA.

– A ausência na Bienal de contribuições de natureza teórica deixou de lado o reconhecimento de um conjunto bastante numeroso de pesquisadores arquitetos que não fazem projetos, mas que contribuem decididamente para o desenvolvimentos de idéias e formulações conceituais que acabam por instrumentar teoricamente os projetos.

– A inclusão, na próxima bienal, de um espaço de avaliação e reconhecimento da produção científica na área de arquitetura, urbanismo e *design* parece ser uma medida que qualifica a próxima Bienal e evidencia a importância dessa atividade profissional.

Levando em consideração a exigüidade de tempo e certas dificuldades que a referida inclusão acarretaria, sugere-se que os trabalhos teóricos e/ou pesquisas deveriam ser inscritos com bastante antecedência, no mínimo seis meses antes da abertura do evento. E, para melhor execução de tal objetivo, os trabalhos inscritos seriam submetidos a uma comissão de especialistas da área composta por pesquisadores de reconhecido mérito e criada especialmente para tal fim.

– No tocante à programação do Fórum de Debates com três semanas de duração, torna-se oportuno tecer algumas considerações. Experiências internacionais de eventos

similares não adotam tão extensa duração. De regra, prefere-se concentrar o conjunto de conferências, palestras, mesas e debates numa única semana, permitindo que visitantes estrangeiros e de outras regiões participem do fórum como um todo. A prolongada duração acaba por privilegiar apenas os visitantes residentes na capital ou em municípios próximos. Mesmo assim, as sessões do Fórum, em sua grande maioria, registraram baixa frequência.

Vários motivos podem justificar o esvaziamento da grande maioria das sessões. Em primeiro lugar, a escolha do período. O mês de novembro, que coincide com o término do ano letivo, não seria um período adequado para a realização do evento. O horário da realização das sessões; a ausência de figuras do *Star System* internacional e a multiplicidade de temas e questões programadas acabam por diluir o interesse pela iniciativa. Mesmo assuntos de grande atualidade como “Globalização e Arquitetura” não contaram com mais de 30 pessoas presentes. Não devemos esquecer que promoções culturais como bienais e congressos de arquitetura, numa sociedade de consumo, incorporam a condição de espetáculo: a cultura como espetáculo. Portanto, sem grandes estrelas internacionais e com um elenco de conferencistas e debatedores em sua grande maioria de São Paulo – cujas idéias, posições e realizações são bastante conhecidas e divulgadas –, o Fórum de Debates foi, com poucas exceções, também, uma expressão da cultura local.

Significativa foi a presença de equipamentos na área da computação voltados às atividades do arquiteto. O espaço da informática foi promovido pela PINI-SUCESU.

Entretanto não se poderia afirmar o mesmo no que diz respeito ao espaço destinado a publicações. Apesar de a exposição apresentar mais de mil títulos, entre livros e revistas, segundo seus organizadores, ela não conseguiu traduzir um fiel panorama do que, de fato, está sendo atualmente publicado no mundo. Muitíssimas e recentes publicações de que se tem conhecimento, principalmente em língua inglesa, francesa, espanhola e italiana, encontravam-se ausentes da exposição, particularmente aquelas com abordagens conceituais e enfoque teóricos de temas emergentes. A ausência de revistas como *Assemblage*, *Any*, *Architectural Design*, *AA FILES*, só para exemplificar, ou de livros de arquitetura relacionados com temas tais como medo, sexo, moda, informática, ciberespaço, entre outros assuntos, revela as limitações do acervo exposto e da sua efetiva contemporaneidade.

Concluindo, apesar das observações críticas aqui consideradas, a 3ª BIA como um todo constituiu um momento de extraordinária vitalidade de nossa cultura, tanto pela diversidade de temáticas apresentadas quando pela qualidade da maioria das manifestações ali expostas, superando, assim, a fase amadorística das bienais passadas e adotando uma estrutura organizativa profissional. Louvável a intenção de dar à exposição um caráter que expressasse o processo de globalização, embora, sob certos aspectos, tal pressuposto não se tenha confirmado plenamente em virtude da excessiva presença da produção local, descompensando a expectativa do visitante, apesar da validade cultural, em geral, bastante versátil e expressiva dessa mesma produção local.